

CURRÍCULO CULTURAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA: COM A PALAVRA... OS ESTUDANTES!

Jorge Luiz de Oliveira Junior
Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar - GPEF
EMEF Raimundo Correia
jorgejref@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Desde o seu surgimento no século XVI, a escola vem sendo convocada a atender às necessidades e interesses sociais, políticos e econômicos. O que deve ser ensinado, ou seja, os conteúdos que compõem o currículo, desde sempre adquiriram um caráter parcial e historicamente localizado (LOPES; MACEDO, 2011). À mercê das mudanças contextuais (sócio-históricas e científicas) entram em cena determinados conhecimentos e formas de transmiti-los.

Atualmente, observamos que o cenário pós-moderno forçou a educação a alterar sua função social. Para além de aproximar, reconhecer e propor diálogos entre diferentes grupos culturais, a escola também busca tematizar e problematizar os diferentes conhecimentos presentes na sociedade, bem como as significações atribuídas a eles, sem hierarquizá-los.

Inspirada na teorização pós-crítica educacional, que concebe o currículo como tudo aquilo que produz identidades dos sujeitos que nele atravessam, a Educação Física propôs o currículo cultural da Educação Física (NEIRA, 2011; NEIRA; NUNES, 2016). Desde 2004, diferentes professores participantes do Grupo de Pesquisas em Educação Física escolar (GPEF¹) vêm o colocando em prática em suas aulas, em distintas escolas, redes e etapas da Educação Básica.

A crescente adesão de professores que colocam o currículo cultural em ação fez com que alguns pesquisadores se interessassem em investigar a prática pedagógica culturalmente orientada (NEIRA, 2010; ESCUDERO, 2011; FRANÇOSO, 2011; AGUIAR, 2014; BONETTO, 2016; SANTOS, 2016). Porém, esses trabalhos foram desenvolvidos a partir das vozes e percepções dos professores. Ao observar atentamente a paisagem, verificou-se a necessidade de investigações que considerassem e

¹ www.gpef.fe.usp.br

analisassem as vozes e opiniões dos estudantes que vivenciam a proposta cultural nas aulas de Educação Física cotidianamente.

Diante disso, o objetivo da pesquisa consistiu em investigar as significações expressas pelos estudantes sobre as aulas de Educação Física culturalmente orientada de uma escola pública municipal paulistana.

CURRÍCULO CULTURAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA

O currículo cultural da Educação Física se nutre nos pressupostos teóricos e políticos dos Estudos Culturais. Os Estudos Culturais proporcionam novas formas de problematizar, compreender e descrever as práticas corporais ao potencializar o diálogo entre os diferentes grupos culturais que compõem a sociedade. Ademais, tencionam intervir a favor da construção de significados e valores mais democráticos no estudo das práticas corporais, atuando em defesa dos grupos minoritários nas relações de poder (NEIRA; NUNES, 2016).

Desse modo, o professor e a turma atuarão na tentativa de compreender como e por quais motivos a prática corporal tematizada assume, ou não, lugar de destaque na teia social ou então, quais motivos levaram essa prática corporal a ser produzida com certos significados e não outros.

O currículo cultural da Educação Física propõe a tematização das práticas corporais, problematizando os discursos e significados que as produzem. Isso é feito por meio de atividades de ensino que tencionam o mapeamento, o aprofundamento, a ampliação e a ressignificação dos conhecimentos referentes às danças, lutas, esportes, ginásticas e brincadeiras. Os variados registros feitos durante a tematização possibilitam ao professor avaliar o seu trabalho (OLIVEIRA JUNIOR; NEIRA, 2017).

Essa perspectiva curricular busca formar identidades democráticas, o que implica em reconhecer e valorizar as diferenças culturais e ressignificar os conhecimentos alusivos às práticas corporais. Durante a tematização, os estudantes vivenciam-nas, analisam o contexto histórico que proporcionou seu surgimento e transformações, as forças que atuaram na sua representação, sua intenção política no cenário social, seus representantes, os significados que circulam ao seu respeito, entre tantas outras situações didáticas.

Com relação à organização, o currículo cultural da Educação Física possui algumas características que escapam à lógica homogeneizante que domina e engessa o

ensino do componente. A proposta prioriza mecanismos democráticos e o diálogo desde o início dos trabalhos, passando pela escolha dos temas e pelo planejamento das situações didáticas, além de requisitar a produção de registros e conceber a avaliação como meio para redimensionar as atividades didáticas.

Então, a prática pedagógica deve disponibilizar condições para que sejam experimentadas as formas como a cultura corporal é representada no cenário social, ressignificar as práticas corporais conforme as características do grupo, ampliar os conhecimentos dos estudantes, aprofundar os saberes sobre as práticas corporais e produzir variados registros como forma de acompanhar o trabalho como um todo.

Com relação aos estudantes, o currículo cultural da Educação Física prevê provocar neles um sentimento questionador e problematizador para que sigam além dos muros escolares e dos limites das aulas. Talvez isso possa ajudá-los a compreenderem as práticas corporais, e no limite, atuarem para a transformação dos espaços e das relações sociais. É justamente nessa hipótese que a investigação repousou a sua atenção.

METODOLOGIA

O foco da presente pesquisa qualitativa é analisar como os alunos significam as aulas de Educação Física culturalmente orientadas. Para tanto, adotou-se a etnografia pós-crítica, com a observação das aulas e outros momentos escolares, realização de entrevistas e análise de documentos. A etnografia pós-crítica abarca a possibilidade de analisar o exercício do poder entre os participantes durante o processo investigativo e de considerar o caráter produtivo da linguagem ao longo da investigação.

No momento da ação, o etnógrafo pós-crítico permite-se envolver no campo investigativo porque o que lá acontece não está pronto e definido, tampouco é algo dado e acabado (KINCHELOE; MCLAREN, 2006). Está claro que, por vezes, o pesquisador é um membro da cultura investigada. No caso em tela, o pesquisador era o professor das turmas investigadas. Assim, o pesquisador foi surpreendido e modificado pela própria pesquisa, buscando reformulações constantes na produção de significados e no modo como os traduziu.

No intuito em compreender como os sujeitos atribuem significados às coisas, ou nesse caso, como os estudantes significam as aulas de Educação Física culturalmente orientadas, adotou-se a análise cultural (WORTMANN, 2002) como forma de interpretação dos dados produzidos. A análise cultural atua no sentido de entender como

as práticas culturais são vividas e experimentadas pelos sujeitos como um todo. Por estar conectada diretamente ao campo teórico e político dos Estudos Culturais, a análise cultural possui o compromisso de investigar as práticas culturais do ambiente investigado considerando as relações de poder nesse processo.

SIGNIFICAÇÕES EXPRESSAS PELOS ESTUDANTES SOBRE O CURRÍCULO CULTURAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Ao analisar o material produzido, destaca-se o fato de que alguns significados atribuídos pelos estudantes às aulas de Educação Física remetem aos princípios curriculares, orientações didáticas e ações pedagógicas que caracterizam o currículo cultural.

Significar, conforme aponta Silva (2010) é fazer valer significados particulares, próprios de um grupo cultural sobre os significados de outros grupos culturais. É, por vezes, ganhar a disputa tensa entre os variados significados atribuídos a um signo e no momento seguinte sair derrotado desse confronto. As práticas de significação não podem ser pensadas sem as relações de poder, pois é precisamente a operação do poder que transforma o campo produtivo de significados enquanto disputas e conflitos contínuos.

De acordo com a análise, a aluna Isadora², quando questionada sobre as aulas de Educação Física a que estava submetida, afirmou que o diálogo é algo importante para que a aula de Educação Física aconteça: “[...] Achei legal também porque o professor deu espaço pra gente falar [...]. Aqui a gente tem tempo pra falar, dar ideias. Achei isso bem bacana”. Organizar situações em que os estudantes falem e se posicionem sobre as práticas corporais faz com que a aula de Educação Física se torne um ambiente propício ao reconhecimento das diferenças.

Outro ponto interessante foi perceber que os estudantes consideraram variadas formas de participação nas aulas para além da vivência corporal. Quando questionado sobre a leitura de um livro infantil que conta a história romântica de um casal de idosos que visou problematizar a participação de idosos nos patins e skate, o aluno Kevin considerou um momento importante “[...] porque a gente aprendeu um pouco sobre os velhinhos. A gente aprendeu um pouco mais [...]”. Outra situação observada foi durante

² Os nomes dos participantes foram alterados a fim de preservar suas identidades, conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por eles e seus responsáveis.

uma aula de jiu-jitsu, quando dois alunos que não realizavam a vivência desde o início da tematização, orientaram os colegas de sala que lutavam a adotar algumas estratégias de imobilização (EPISÓDIO 23 – 28/06/2016).

Os estudantes também atribuíram significados às atividades de ensino que aprofundaram e ampliaram os conhecimentos sobre as práticas corporais tematizadas. Assim, a aluna Tatiane disse que aprendeu “as diferenças do sertanejo também, o romântico, o universitário e o raiz. E aprendemos também os instrumentos, alguns passos também, conhecemos músicas novas e várias outras coisas”.

A mesma situação foi observada na tematização de skate e patins, onde o aluno Kauan disse ter aprendido “[...] a virar o skate” e o Kevin falou que aprendeu a “[...] andar um pouco de patins e até consegui me equilibrar mais”. Nesse sentido, as crianças e jovens não só aprofundaram e ampliaram seus conhecimentos por meio da leitura de textos, de apreciação de imagens e debates em sala de aula. Isso também ocorreu nos momentos que vivenciaram corporalmente as práticas corporais.

As análises também levaram a perceber que os estudantes ressignificaram os saberes sobre as práticas corporais. Foi o caso quando algumas crianças elaboraram novos gestos e coreografias ginásticas inspirados no gênero musical funk (EPISÓDIO 12 – 17/03/2016). O currículo cultural da Educação Física almeja exatamente isso, que os alunos desestabilizem, modifiquem, criem e ressignifiquem as práticas corporais tematizadas.

A interpretação dos dados também demonstrou que os alunos assumiram uma postura problematizadora frente algumas situações em que circulou discursos preconceituosos. Isso foi observado quando um grupo de meninas discordou energicamente da ideia sugerida pelos meninos que o tempo de vivência do futebol das colegas de sala fosse menor (EPISÓDIO 24 – 29/06/2016) e quando o aluno Daniel se posicionou contra um argumento proferido pela sua mãe de que a prática do skate era coisa de maloqueiro (EPISÓDIO 06 – 16/09/2015).

Esses dados disseram muito sobre as sementes plantadas pelo currículo cultural da Educação Física. As posturas e ações observadas, por mais simples e corriqueiras que possam parecer, revelam a produção de novos olhares acerca do componente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados analisados apontam que os participantes do estudo revelam marcas e significados gerados pelas aulas de Educação Física culturalmente orientadas, cumprindo com suas premissas em relação aos aspectos que a fundamentam e chegando a extrapolar as expectativas.

De acordo com a análise, percebemos que os estudantes significaram as aulas de Educação Física como um local democrático de participação, abrindo espaço para que ela seja entendida e realizada de outras maneiras, ampliaram, aprofundaram e ressignificaram os conhecimentos referentes às práticas corporais tematizadas e, por fim, assumiram uma postura problematizadora frente às situações em que discursos preconceituosos foram colocados em circulação.

Decerto, isso mostra que as vozes dos estudantes precisam continuar a serem ouvidas e consideradas. Além de contribuírem com a elaboração de ações didáticas, também auxiliam em possíveis readequações à perspectiva cultural e a ressignificações da Educação Física escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, C. A. **Educação Física no município de São Paulo**: aproximações e distanciamentos com relação ao currículo oficial. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo: FEUSP, 2014.

BONETTO, P. X. R. **A “escrita-currículo” da perspectiva cultural da educação física**: entre aproximações, diferenciações, laissez-faire e fórmula. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo: FEUSP, 2016.

ESCUADERO, N. T. G. **Avaliação da aprendizagem em educação física na perspectiva cultural**: uma escrita autopoietica. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo: FEUSP, 2011.

FRANÇOSO, S. **Cruzando fronteiras curriculares**: a Educação Física sob o enfoque cultural na ótica de docentes de escolas municipais de São Paulo. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUCSP, 2011.

KINCHELOE, J. L.; McLAREN, P. Repensando a teoria crítica e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. et al. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 281-314.

LOPES, A. C; MACEDO, E. **Teorias de currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. (Orgs). **Educação Física cultural**: escritas sobre a prática. Curitiba: CRV, 2016.

_____. Análises das representações dos professores sobre o currículo cultural da Educação Física. **Interface**, Botucatu, v.14, n.35, p.783-795, dez. 2010.

_____. **Educação Física**. (Coleção: a reflexão e a prática no ensino; v. 8). São Paulo: Blucher, 2011.

OLIVEIRA JUNIOR, J. L.; NEIRA, M. G. O currículo cultural da Educação Física: entre as teorias críticas e pós-críticas. In: PONTES JUNIOR, J. A. F. (Org.). **Conhecimentos do professor de educação física escolar**. Fortaleza: EdUECE, 2017. p. 13-63.

SANTOS, I. L. **A tematização e a problematização no currículo cultural da Educação Física**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo: FEUSP, 2016.

SILVA, T. T. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

WORTMANN, M. L. C. Análises culturais – um modo de lidar com histórias que interessam à educação. In: COSTA, M. V. (Org). **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: Lamparina, 2002. p. 71-90.